

# UM NOVO DIA, UMA NOVA ESCOLA: BREVE ANÁLISE HISTÓRICO COMPARATIVA DOS MOVIMENTOS ADVENTISTA E BATISTA EM RELAÇÃO AO SÁBADO E À ESCOLA SABATINA

 Tiago Dias de Souza <sup>1,\*</sup>  
 Valdeilson dos Santos Alves <sup>2</sup>

## RESUMO

Os batistas do sétimo dia tiveram um papel relevante na defesa da observância do sábado e foram pioneiros na implementação da escola sabatina. Entretanto, existe escassez de conhecimento histórico acerca da promoção e da defesa de tal observância durante o surgimento do movimento adventista, e ainda mais a respeito do pioneirismo na realização das escolas bíblicas sabáticas. O presente artigo se propõe a realizar uma análise comparativa e introdutória da relação entre os adventistas mileritas e os batistas sabatistas no que se refere a esse tema. A pesquisa é de natureza qualitativa, com enfoque bibliográfico e descritivo, fundamentada em alguns autores especializados na história e na teologia dos dois movimentos. Conclui-se que os batistas do sétimo dia exerceram influência sobre os adventistas sabatistas no que diz respeito à observância do sábado e à prática da escola sabatina.

**Palavras-chave:** Batistas. Adventistas. Escola Sabatina. Sábado.

## ABSTRACT

Seventh-day baptists played a significant role in defending sabbath observance and pioneered the implementation of sabbath school. However, there is a lack of historical knowledge about the promotion and defense of sabbath observance during the emergence of the adventist movement, and even more so about their pioneering role in establishing sabbath bible schools. This article proposes a comparative and introductory analysis of the relationship between millerite adventists and sabbatarian baptists in relation to this topic. This research is qualitative in nature, with a bibliographical and descriptive focus, based on several authors specialized in the history and theology of both movements. It concludes that seventh-day baptists influenced sabbatarian adventists regarding sabbath observance and the practice of sabbath school.

**Keywords:** Baptists. Adventists. Sabbath School. Saturday.

<sup>1</sup> Doutor em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo. Docente no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia, Brasil.

<sup>2</sup> Discente do curso de Bacharelado em Teologia no Seminário Adventista Latino-Americano de Teologia da Faculdade Adventista da Amazônia, Brasil. E-mail: valdeilson.lislael@gmail.com.

**Submissão:** 09/2025

**Aceite:** 12/2025

**\*Autor correspondente:**  
pr.tiagodias@hotmail.com

## Como citar

SOUZA, T. D.; ALVES, V. S. Um novo dia, uma nova escola: breve análise histórico comparativa dos movimentos adventista e batista em relação ao sábado e à escola sabatina. **Práxis Teológica**, volume 21, número 1, e-2390, 2025. DOI: <https://doi.org/10.25194/2317-0573.2025v21n1.e2390>.

# INTRODUÇÃO

A Reforma Protestante representou o término do domínio de uma igreja universal. Nas regiões onde o protestantismo prevaleceu, a Igreja Católica Romana foi substituída por igrejas protestantes que emergiram dessas áreas conquistadas pela Reforma. Os luteranos destacaram-se no panorama religioso da Alemanha e da Escandinávia. O calvinismo, por sua vez, conquistou seguidores na Suíça, Escócia, Holanda, França e Hungria. Os ingleses fundaram a Igreja Anglicana oficial. Os radicais da Reforma, conhecidos como anabatistas, não estabeleceram igrejas, mas tiveram presença significativa em países como Holanda; isolados entre os grupos reformadores, opuseram-se à fusão entre Igreja e Estado, bem como à dominação papal. Defendiam a separação entre Igreja e Estado, referindo-se a elas como igrejas livres (Cairns, 2008, p. 290).

Em outras palavras, o cenário político da época favoreceu o crescimento dos grupos protestantes, bem como a difusão de sua educação cristã. Dali para frente, o mundo não seria mais o mesmo, pois as igrejas e movimentos protestantes estavam dispostos a se sacrificar para levar o conhecimento da Bíblia às pessoas que assim o desejassesem. Um exemplo dessa expansão foi o envolvimento de Robert Raikes (1735-1811), fundador das escolas dominicais. Cross e Livingstone (2005, p. 1156) assim o apresentam:

Nativo de Gloucester, foi educado no Colégio da Catedral. Tornou-se um defensor de diversas causas filantrópicas, as quais apoiava no Gloucester Journal (fundado em 1732), que herdou de seu pai em 1757. Preocupado com a condição precária das crianças locais e seu comportamento aos domingos, foi levado a auxiliar na criação de uma Escola Dominical em uma paróquia vizinha. Em 1780, iniciou uma escola em seu parque, aberta nos dias de semana e aos domingos, para o ensino das Escrituras, leitura e outras matérias elementares.

Acerca do sucesso do trabalho de Raikes, os autores comentam:

Embora inicialmente tenha enfrentado oposição de conservadores que temiam que a educação popular acelerasse a revolução – assim como de alguns Sabatários –, seus métodos inovadores (fonética, uso de monitores etc.) acabaram triunfando. Em 1783, sua escola estava suficientemente consolidada para que suas conquistas chamassem atenção em seu jornal. Seus métodos foram rapidamente seguidos por Hannah More e outros, e, antes de sua morte, as Escolas Dominicais já haviam se estabelecido em muitos lugares do condado (Cross; Livingstone, 2005, p. 1156).

Embora seja atribuído muito prestígio a Robert Raikes – e ele realmente mereça reconhecimento pelo seu feito histórico para a educação cristã –, foram outros personagens que de fato introduziram as escolas bíblicas de forma oficial, os batistas do sétimo dia. Conforme comenta Sanford (2020), o pioneirismo começou com o batista Ludwig Hocker:

Em 1740, Ludwig Hocker, Batista alemão do Sétimo Dia, começou uma escola sabatina em Ephrata [distrito na Pensilvânia, EUA]. Em 1761, o reverendo Jonathan Dunham, da Igreja Batista do Sétimo Dia de Piscataway, escreveu um catecismo intitulado “A brief instruction in the principle of Christian religion” [Breve introdução aos princípios da religião cristã], utilizado por adultos e crianças.

# CONEXÃO HISTÓRICA ENTRE BATISTAS E ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

Batistas sabatistas e adventistas sabatistas eram “forasteiros” em um mundo imerso à adoração no domingo. “Os batistas do sétimo dia e os adventistas do sétimo dia compartilham a convicção fundamental de que o sábado do sétimo dia é o verdadeiro sábado bíblico” (Campbell, 2017, p. 197).

O mundo pós-Reforma, assim como o anterior a ela, era dominado pelo culto dominical. Sobre isso, Cairns (2008, p. 290) argumenta e delineia um cenário desde o primeiro século em que os cristãos em sua maioria não refletiam mais a teologia dos apóstolos, inclusive não observando o sábado bíblico.

Os batistas eram um movimento relativamente grande. Sua alta consideração pela interpretação das Escrituras fizeram com que ambos (adventistas mileritas e batistas) demonstrassem sua abordagem. Campbell (2017, p. 196) argumenta que os batistas do sétimo dia, por serem o segundo maior grupo demográfico religioso na América no período anterior à guerra, constituíram parte considerável dos adventistas mileritas: “Afinal, o próprio Willian Miller era um batista de livre arbítrio”.

## James A. Begg insta os adventistas da américa a estudarem sobre o sábado

James A. Begg foi o principal adventista milerita a levantar a questão da observância do sábado, ao insistir com os mileritas da América acerca de estudar sobre o sábado (Campbell, 2017, p. 195). O diretório anual dos correios de Glasgow, uma cidade da Escócia, registra entre os anos de 1855-1856 Begg como livreiro e papelaria (Scottish Post Office Directories, 1855-1856). O ofício de trabalhar com impressão propiciou seu destaque na edição e escrita (Froom, 1954, p. 937-940).

Campbell (2023) assim descreve esse importante milerita:

James Aiton Begg era um sabatista na Escócia que acreditava no breve retorno de Cristo. Ele chegou a essa convicção no final da década de 1820 e ganhou destaque nas décadas de 1830 e 1840. Ele era livreiro, papeleiro e autor. Depois de 1845 ele foi afiliado à denominação Batista do Sétimo Dia. Em 1853 ele foi batizado como Batista do Sétimo Dia e tornou-se um colaborador regular do Sabbath Recorder.

Campbell (2023) afirma que Begg foi o primeiro milerita britânico a se comunicar com os mileritas americanos. Em 1840, chegou a trocar correspondências com Joshua V. Himes para sensibilizá-lo, bem como também a outros ministros, acerca do segundo advento de Cristo.

Ao abordar os últimos anos da vida de James A. Begg, Campbell (2023) afirma que ele permaneceu ativo até o fim, compartilhando sua crença na segunda vinda de Cristo e no sábado do sétimo dia.

## Guardar o sábado é um meio de aguardar a segunda vinda de cristo

Em 1844, por meio de resoluções das sessões da Conferência Geral dos Batistas do Sétimo Dia, decidiu-se propagar a mensagem do sábado e a volta de Jesus, conforme relata Campbell (2017, p. 197):

Em junho de 1844, o principal periódico publicado pelos Batistas do Sétimo Dia, o *Sabbath Recorder*, observou que um número considerável de pessoas que estão aguardando o rápido aparecimento de Cristo abraçou o sétimo dia e começou a observá-lo como o sábado. Eles sugeriram que guardar o sábado do sétimo dia “era a melhor preparação” para a Segunda Vinda.

É evidente que o número de adventistas sabatistas se expandiu ainda no ano da grande decepção. É importante ressaltar que esse fenômeno do crescimento exponencial de observadores do sábado estava totalmente ligado à interpretação profética de que Cristo voltaria naquele período (Campbell, 2017, p. 197). É curioso observar mileritas batistas se convencendo do sábado e conectando esse mandamento à preparação para o retorno de Cristo.

Após dois séculos desde a organização da primeira igreja sabatista na região norte-americana, é possível notar pessoas na época de grandes talentos e moral cristã. Os batistas do sétimo dia carregaram o legado de observar o sábado desde muito tempo, embora tenham se mostrado devagar em entender sua importância nesse contexto (Andrews, 1873, p. 332).

Ao comentar sobre a experiência de conversão do irmão J. W. Morton em relação à guarda do sábado, o pioneiro Andrews (1873, p. 332) argumentou:

Dentre os conversos ao sábado por meio da atuação desse povo, é digno de honrosa menção o nome de J. W. Morton. Em 1847, ele foi enviado como missionário, pelos presbiterianos reformados, à ilha do Haiti. Lá, entrou em contato com publicações sabatistas e, depois de dedicada pesquisa, entendeu que o sétimo dia é o sábado do Senhor. Sendo um homem honesto, obedeceu de imediato àquilo que percebeu ser a verdade e, ao voltar para casa a fim de ser julgado por sua heresia, foi sumariamente excluído da igreja presbiteriana reformada, sem ter o direito de declarar os motivos que orientaram sua conduta.

Não faltaram aos batistas do sétimo dia homens imensamente intelectuais e com muitos talentos. Possuíam amplos recursos para fazer avançar a causa de Deus. Embora não tenham sido reconhecidos por seu encargo divino diante de todo mundo, foram um instrumento para apresentar ao mundo uma mensagem singular (Andrews, 1873, p. 332).

# PRIMEIRO CONTATO DOS ADVENTISTAS MILERITAS COM OS BATISTAS DO SÉTIMO DIA

Campbell (2017, p. 198) afirma que o primeiro ponto de contato entre os dois movimentos se deu por intermédio da batista do sétimo dia Rachel Oakes Preston. Ao visitar sua filha em Washington, New Hampshire, ela teria ido a um encontro dos mileritas que guardavam o domingo. Na ocasião, um membro da igreja lhe relatou que o pregador Frederick Wheeler havia falado sobre obediência aos mandamentos de Deus, e o desafiou a ser o primeiro a guardá-los. Então Wheeler, após estudar o assunto, se tornou sabatista.

Nas palavras de Campbell (2017, p. 198), Thomas M. Preble, pastor da Congregação Batista de Livre Arbítrio em Nashua, talvez tenha ouvido de algum adventista sabatista sobre o sábado e compartilhou suas opiniões na Revista *The Hope of Israel* de 1845. “Foi a influência de Preble que, em abril de 1845, chamou a atenção de Joseph Bates, um líder adventista milerita local de Fairhaven, Massachusetts” (Campbell, 2017, p. 198). Ao ler um artigo de Preble, publicado na *The Hope of Israel*, Bates começou a refletir sobre a guarda do sábado, então viajou para Washington, onde se encontrou com o pastor Frederick Wheeler, resultando em sua aceitação da mensagem do sábado (Vyhmeister, 2011, p. 6).

Segundo Campbell (2017, p. 199), Bates guardou o sábado sozinho de 1845 a 1850, quando sua esposa Prudy decidiu juntar-se a ele na observância do sétimo dia.

## A ESCOLA SABATINA DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA E AS POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS BATISTAS

Mesmo após Joseph Bates ter desenvolvido melhor a crença bíblica do sábado, os batistas do sétimo dia ainda exerciam influência sobre os adventistas sabatistas. “Os adventistas sabatistas, como James White, que editou os primeiros periódicos adventistas sabatistas, sentiram-se à vontade para reimprimir artigos e tratados dos batistas do sétimo dia, sendo o primeiro exemplar em 1852” (Campbell, 2017, p. 201).

De acordo com o autor, ainda em 1852 James White elaborou uma nota reconhecendo a importância do *Sabbath Recorder* (periódico dos batistas do sétimo dia), depois do contato primário e não oficial de Rachel Preston, que parece ter dado início a um diálogo forte por meio da impressão entre esses dois movimentos (Campbell, 2017, p. 201).

Coffman (1965, p. 11), em seu artigo sobre a prática de começar o sábado na América, apresenta os batistas do sétimo dia como guardando o sétimo dia no pôr do sol (correspondente às 18 horas de sexta-feira). O autor menciona alguns atores nessa discussão sobre o verdadeiro horário de início do sábado – se pelo amanhecer ou pelo pôr do sol –, entre os quais o mais proeminente, o pastor J. N. Andrews.

A história deixa evidente a importância que os pioneiros deram aos trabalhos e legado dos

batistas do sétimo dia, tanto que uma parceria que começou logo após o desapontamento perdurou por um bom tempo. Vale lembrar que os adventistas usaram alguns periódicos batistas para ser reimpressos pelos adventistas sabatistas.

Rachel Oaks Preston apresentou o sábado do sétimo dia a Frederick Wheeler, que se tornou o primeiro ministro adventista sabatista, e a um grupo de mileritas em Washington, New Hampshire, que se tornou a primeira congregação adventista sabatista. Seus humildes esforços para compartilhar a verdade do sábado resultaram em um movimento crescente de observadores do sábado em todo o mundo, agora conhecidos como Adventistas do Sétimo Dia (Kaiser, 2023).

Campbell (2017, p. 202) afirma que a comunicação entre batistas do sétimo dia e adventistas do sétimo dia continuou até a década de 1870, quando cada movimento republicou artigos e folhetos. Embora tenha havido algumas contendas, grupos de membros da igreja permaneceram congregando juntos em certas áreas dos Estados Unidos.

Os batistas do sétimo dia foram os pioneiros pós-Reforma na defesa da observância do sábado do sétimo dia bíblico. Por meio de membros sinceros e comprometidos com a missão de salvar, pioneiros adventistas mileritas se tornaram adventistas sabatistas e, mais a frente, de forma organizada, adventistas do sétimo dia (Thomsen, 1971, p. 4).

As duas tradições começaram a trocar participações de delegados nas conferências gerais de cada instituição. Os laços entre batistas do sétimo dia e adventistas do sétimo dia, em que pesem as divergências doutrinárias, sempre estiveram alicerçados pela forte convicção da observação da lei do Senhor, inclusive pela guarda do quarto mandamento.

Desde 1845, quando Joseph Bates estudou e aceitou a mensagem do sábado, a Igreja Batista do Sétimo Dia exerceu influência sobre os pioneiros e sobre a instituição. Isso ocorreu não de forma arbitrária ou dogmática, nem tampouco teológica, mas como exemplo de zelo pela lei de Deus, em especial por conservar o culto sabático (Vyhmeister, 2011, p. 6).

Os batistas do sétimo dia começaram a guardar o sábado e a realizar escolas sabatinas muitos anos antes de os mileritas ou adventistas existirem. Como já mencionado neste artigo, os batistas sabatistas publicaram um exemplar equivalente a uma lição da escola sabatina, guardadas as devidas limitações da época. Mas isso já era um feito gigante, visto que os adventistas tiveram seu primeiro exemplar em 1852, cerca de quase 90 anos depois, com James White. Sanford (2020) observa que:

Em 1836, a Conferência Geral designou um comitê para compilar um livro de perguntas de tamanho conveniente, abarcando os fatos, doutrinas e deveres proeminentes contidos no Novo Testamento para uso das escolas sabatinas e aulas de estudo bíblico ligado a nós.

Ao se analisar a trajetória desses pioneiros guardadores do sábado, é fácil se confundir com a história dos adventistas do sétimo dia. Ambas se entrelaçam pela observância do sábado e pela realização de escolas sabatinas. Vale lembrar que, no interior de diversas regiões dos Estados Unidos, membros dos dois movimentos chegaram a congregar juntos, como citado anteriormente.

O mais interessante é perceber como ocorreu o desenvolvimento das escolas sabatinas batistas e, mais tarde, o da escola sabatina dos adventistas sabatistas. Isso parece sugerir um paralelo entre as

duas igrejas e confirmar ainda mais o grau de importância que os pioneiros sabatistas tiveram na história e inspiração dos adventistas mileritas e, logo mais, dos adventistas sabatistas.

Campbell (2017, p. 202) relata as diversas trocas de gentilezas tanto por vias impressas nas publicações quanto nas conferências gerais, das quais delegados de ambos os movimentos estiveram participando. Um ponto interessante nesse relacionamento era a fraternidade, pois tudo lhes era comum. Desde a guarda do sétimo dia até a realização da escola sabatina, tudo lhes era familiar – talvez por esse motivo não tivessem problemas em realizar cultos juntos. Mas o que mais impressiona é o fato de batistas do sétimo dia e adventistas do sétimo dia cultivarem um laço de amizade e compartilhamento dos espaços de culto por pelo menos 40 anos (Campbell, 2017, p. 202).

Sanford (2020), ao tratar ainda do desenvolvimento das escolas sabatinas dos batistas do sétimo dia, reitera:

Em 1870, as primeiras medidas foram tomadas para organizar uma diretoria para as escolas sabatinas como parte da Conferência Geral. Essa diretoria trabalhou muito de perto com sociedades de escolas sabatinas em cooperação com o treinamento de professores e com a produção e distribuição de material para as lições das escolas, tanto para crianças quanto para adultos.

A partir do nascimento da escola sabatina adventista sabatista, parece que ambos os movimentos de guardadores do sábado começaram a crescer em paralelo, quase que de modo espelhado, mesmo que um grupo se sobressaísse mais do que o outro. É perfeitamente possível fazer esse tipo de inferência com base nos dados históricos comparativos entre eles. Informações a esse respeito serão apresentadas de forma breve no próximo tópico.

## BREVE ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE BATISTAS DO SÉTIMO DIA E ADVENTISTAS SABATISTAS

Segundo observa Oliveira Filho (2004, p. 160), a emergência da missão comissionada em que surgiu o adventismo na forma de associação ocorreu no contexto dos movimentos messiânicos do século XIX originados nos Estados Unidos. Conforme apresenta o autor, o período do surgimento do adventismo milerita foi marcado por muitos envios de missionários pelas diversas companhias de envios (Oliveira Filho, 2004, p. 158), fazendo nascer de forma embrionária aquilo que futuramente seria os adventistas do sétimo dia. Como dito anteriormente, boa parte dos mileritas era composta por batistas sabatistas, o que estreita mais ainda a relação dos dois movimentos.

Knight (2015, p. 56) destaca a figura de Josué Vaughan Himes (1805-1895), pastor da Conexão Cristã que teve contato com Miller em 1839. Ele desempenhou um papel central para transformar o movimento milerita de um indivíduo em movimento extenso, além de tornar a doutrina do segundo advento de Cristo em um causa.

Comentando sobre o crescimento milerita por meio de Himes, Cavalcanti e Firino (2022, p. 63) argumentam:

Com a liderança dele [Himes], o movimento não mais esperava o convite das congregações. Foram organizadas séries de palestras com técnicas de relações públicas para tornar a mensagem do advento algo urgente e que as igrejas precisavam dedicar atenção. Os mileritas estavam motivados em advertir a população da sua mensagem e por isso não tinham tempo a perder. Uma das principais contribuições de Himes foi o uso exaustivo da imprensa.

A marca evangelística dos mileritas sabatistas foi um diferencial dos demais movimentos religiosos. Nesse quesito, os batistas sabatistas reconheciam que os adventistas sabatistas eram exímios propagadores da mensagem do breve retorno de Cristo e da observância irrestrita do sétimo dia bíblico.

Campbell (2017, p. 204) observa que, apesar do clima de fraternidade e cooperação existente entre os dois movimentos sabatistas, cada um mantinha suas próprias convicções doutrinárias. O principal ponto de tensão foi a crença na imortalidade da alma, ou seja, a compreensão sobre o estado dos mortos. Essa divergência acabou levando ao afastamento entre as duas igrejas.

Mesmo com alguns desentendimentos quanto a questões teológicas, a história presente nos documentos apresenta a republicação de artigos pelas editoras dos dois movimentos (Campbell, 2017, p. 201, 203). Guardadas as devidas diferenças, no que tange à missão de anunciar o retorno eminentíssimo de Cristo, estado de inconsciência após a morte, existência do santuário celestial e o dom de profecia ministrado na vida de Ellen G. White, o sábado do sétimo dia bíblico e as escolas sabatinas foram o princípio articulador da relação entre batistas do sétimo dia e adventistas do sétimo dia.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível afirmar que os batistas do sétimo dia foram pioneiros no que tange à observância do sétimo dia bíblico. Foram eles também que iniciaram as primeiras escolas sabatinas, pelo menos cem anos antes da primeira escola sabatina adventista sabatista.

Ao que parece, os batistas sabatistas conseguiram influíram nos adventistas mileritas, desde a mensagem do sábado bíblico até a realização das escolas sabatinas. Esse relacionamento entre os dois movimentos indica de forma importante certa influência recebida pelo adventismo por parte dos batistas sabatistas.

Os batistas reconheciam que os adventistas mileritas eram melhores do que os próprios batistas do sétimo dia sob o ponto de vista missionário. Isso implica dizer que os dois movimentos, embora semelhantes quanto à guarda do sábado e à realização das escolas sabatinas, aparentemente eram distintos em suas demais estruturas.

Outros trabalhos ainda podem ser feitos com vistas a entender a natureza desses dois movimentos. Existe espaço para se explorarem outras questões, como: quais são as dinâmicas de estrutura e missão da escola sabatina de ambos os movimentos? Por que os batistas do sétimo dia se congregavam com adventistas sabatistas em algumas regiões? Quais são as similaridades entre as primeiras escolas sabatinas dos batistas do sétimo dia e as primeiras escolas sabáticas dos adventistas sabatistas?

## REFERÊNCIAS

ANDREWS, John Nevins. História do sábado e do primeiro dia da semana. **EGWritings**. 1873. Disponível em: <https://egwwritings.org/read?panels=p14371.2363&index=0>. Acesso em: 21 set. 2025.

CAIRNS, E. E. **Cristianismo através dos séculos**: uma história da Igreja Cristã. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições Vida, 2008.

CAMPBELL, Michael W. Developments in the relationship between Seventh Day Baptists and Seventh-day Adventists, 1844-1884. **Andrews University Seminary Studies**, v. 55, n. 2, p. 195-212, 2017.

CAMPBELL, Michael W. Begg, James Aiton (1800-1868). **Encyclopedia of Seventh-Day Adventists**, 2023. Disponível em: <https://encyclopedia.adventist.org/article?id=D8YJ>. Acesso em: 1 out. 2023.

CAVALCANTI, Carlos André Macedo; FIRINO, Daniel da Silva. O movimento milerita e a origem das denominações adventistas. **Sacrilegens**, v. 19, n. 1, p. 56-81, 2022. DOI: 10.34019/2237-6151.2022.v19.37039. Disponível em: <https://doi.org/10.34019/2237-6151.2022.v19.37039>. Acesso em: 3 out. 2023.

COFFMAN, Carl. **The practice of beginning the Sabbath in America**. Andrews University Seminary Studies, Berrien Springs, v. 3, n. 1, p. 9–17, jan. 1965.

CROSS, Frank Leslie; LIVINGSTONE, Elizabeth A. (Ed.). **The Oxford Dictionary of the Christian Church**. Londres: Oxford University Press, 2005.

KAISER, Denis. PRESTON, Rachel Harris Oaks (1809-1868). **Encyclopedia of Seventh-Day Adventists**, 2023. Disponível em: <http://encyclopedia.adventist.org/article?id=AIQ1&highlight=Rachel|Oaks|Preston>. Acesso em: 1 out. 2023.

KNIGHT, George. **Adventismo**: origem e impacto do movimento milerita. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2015.

OLIVEIRA FILHO, José Jeremias de. Formação histórica do movimento adventista. **Estudos Avançados**, v. 18, n. 52, p. 157-179, 2004. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10030>. Acesso em: 3 out. 2023.

SANFORD, Don A. A origem da Escola Bíblica Sabatina. **Igreja Batista do Sétimo Dia**, 13 jun. 2020. Disponível em: <https://ib7.org/artigos/13-estudos/2060-a-origem-da-escola-biblica-sabatina>. Acesso em: 2 out. 2023.

THOMSEN, Russell J. **Seventh Day Baptists**: Their Legacy to Adventists. Mountain View: Pacific

Press Publishing Association, 1971.

VYHMEISTER, Nancy J. Quem são os Adventistas do Sétimo Dia? In: DEDEREN, Raoul (Org.). **Tratado de Teologia Adventista**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2011. p. 1-25.